



SEMIFINAL

A final olímpica antecipou o duelo na Copa do Mundo: França e Espanha levam a Dallas 11 jogadores de uma geração construída nos projetos de formação das duas potências

O futuro começou em Paris-2024

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — O futuro do futebol costuma chegar antes de ser anunciado. Às vezes, aparece em uma final olímpica, veste camisas diferentes e divide o mesmo gramado sem que o mundo perceba o trailer do filme seguinte. Em Paris-2024, França e Espanha disputaram a medalha de ouro. Menos de dois anos depois, 11 jogadores daquela final olímpica voltam a se encontrar, agora em uma semifinal de Copa do Mundo, amanhã, às 16h (de Brasília), em Dallas. O sobrevivente decidirá o título no domingo contra Argentina ou Inglaterra.

Dos 52 jogadores convocados pelas seleções para o Mundial, 11 estiveram na final das Olimpíadas de Paris-2024. Menos de dois anos depois do confronto no Parque dos Príncipes, quando a Espanha conquistou o ouro, e a França ficou com a prata, mais de 21% atletas disponíveis para a semifinal voltam a se encontrar. O dado impressiona, mas não surpreende. É o retrato de dois projetos esportivos perenes.

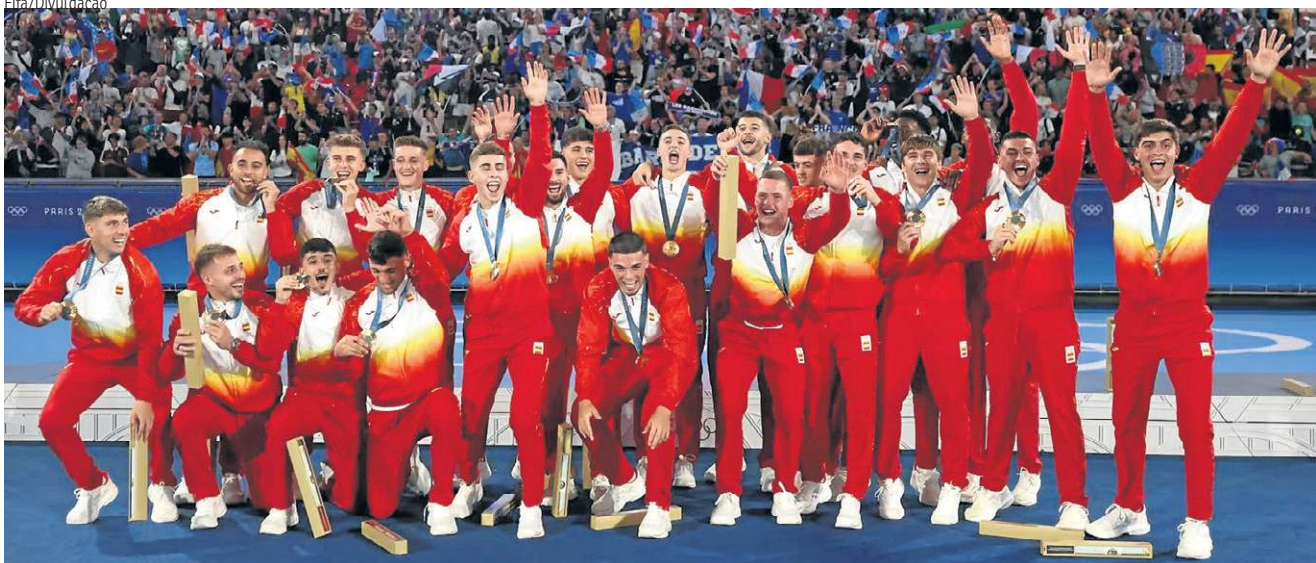
A semifinal de amanhã representa muito mais do que o duelo entre Kylian Mbappé e Lamine Yamal, entre uma geração consagrada e outra amadurecendo para assumir o protagonismo. França e Espanha leram e interpretaram a exigência do futebol moderno: não basta revelar grandes jogadores. É preciso criar mecanismos capazes de substituí-los sem renunciar à competitividade.

A França perdeu Zidane, Henry, Ribéry, Lloris e Giroud. A Espanha viu partir uma geração liderada por Casillas, Xavi, Iniesta, Busquets, Piqué e Sergio Ramos. Ainda assim, ambas continuaram chegando às decisões do mundo bola. O motivo está menos nos nomes e mais no sistema.

Quando Didier Deschamps observa delegações estrangeiras visitando Clairefontaine, o principal centro de formação da Federação Francesa de Futebol, não nota ameaça. Exnerga reconhecimento. “É muito lisonjeiro e gratificante que outros países venham e vejam. Não estamos aqui para fechar portas”, afirmou o treinador francês. A França está nas semifinais pela quarta vez em oito edições no século. Foi campeã em 2018 e vice em 2006 e 2022. Uma era dourada.

A declaração de Deschamps resume a confiança francesa em um modelo construído ao longo de décadas. Clairefontaine tornou-se símbolo de uma estrutura capacitada para identificar talentos cedo, desenvolver jogadores em um ambiente de excelência e criar uma ponte entre as

Fifa/Divulgação



A Espanha campeã olímpica em Paris-2024 conta com cinco jogadores que estão na seleção principal para disputa da Copa do Mundo de 2026

categorias de base e a seleção principal. Não se trata apenas de formar atletas tecnicamente preparados. Trata-se de formar jogadores lapidados para compreender a responsabilidade de vestir a camisa da França.

Do outro lado, a Espanha seguiu um caminho diferente, mas chegou a uma conclusão semelhante. Luis de la Fuente, treinador da seleção principal, é a personificação dessa continuidade. Passou pelas categorias Sub-19, Sub-21 e pela seleção olímpica. Conhece profundamente a geração responsável por devolver a seleção a uma semifinal depois de 16 anos. A última foi no título de 2010.

“A minha relação com cerca de 90% do elenco atual vem de muitos anos. Conheço alguns deles desde os 10 ou 12 anos. Vivi todas as etapas da evolução deles. Acho que essa é uma das nossas maiores forças”, explica de La Fuente. Nem a medalha de prata contra o Brasil nos Jogos de Tóquio-2020, disputados em 2021, abalou o prestígio do treinador. Ele assumiu o cargo em 2022 e levou o país à conquista da Euro em 2024.

A declaração do treinador revela uma das maiores virtudes do modelo: a seleção principal não começa na convocação. Ela é construída durante anos, dentro de um processo no qual os treinadores acompanham a evolução dos jogadores desde a adolescência. O contraste com outros modelos é evidente. No Brasil, por exemplo, treinadores campeões olímpicos como Rogério Micalé (Rio-2016) e André Jardine (Tóquio-2020) não tiveram continuidade dentro da estrutura da seleção principal.

Para De la Fuente, a capacidade técnica dos atletas, embora fundamental, precisa estar inserida na ideia coletiva. “O talento individual não basta para ganhar grandes competições. Você pode ganhar partidas, mas não torneios. O coletivo sempre vem antes do indivíduo”, sustenta.

Trailer

A final de Paris-2024 foi uma fotografia perfeita desse processo. Pela França, seis jogadores presentes na decisão olímpica fazem parte do grupo da Copa do Mundo: Michael Olise, Désiré Doué, Manu Koné, Maghnes Akliouche, Jean-Philippe Mateta e Rayan Cherki. A Espanha tem cinco: Joan García, Pau Cubarsí, Marc Pubill, Eric García e Álex Baena. Onze jogadores. Um quinto dos convocados das duas seleções.

A Olimpíada deixou de ser apenas uma competição de desenvolvimento. Para França e Espanha, tornou-se uma etapa de preparação para o futebol de elite. Paris não foi um acaso, mas, sim, consequência.

Fifa/Divulgação



Michael Olise, Doué, Koné, Akliouche, Mateta e Cherki foram prata nos Jogos Olímpicos de Paris-2024 e hoje estão no time principal da França

JOGO DOS 8 ACERTOS	
FRANÇA	ESPANHA
» Identidade do modelo Formação nacional centralizada, com Clairefontaine como símbolo e forte integração entre federação e clubes.	» Identidade do modelo Formação baseada em uma filosofia técnica compartilhada entre federação e clubes formadores
» Principal característica Jogadores de força física, potência, versatilidade e alto nível competitivo.	» Principal característica Técnica, inteligência de jogo, controle de espaços e entendimento coletivo
» Competições de base da Uefa Presença constante nas fases decisivas dos Europeus Sub-17, Sub-19 e Sub-21, com títulos em diferentes categorias.	» Competições de base da Uefa Presença constante nas fases decisivas dos Europeus Sub-17, Sub-19 e Sub-21, com títulos em diferentes categorias
» Competições de base da Fifa Campeã mundial em 2013 (Sub-20) e finalista do Mundial Sub-17	» Competições de base da Fifa Presença constante nos Mundiais Sub-17 e Sub-20, além de títulos juvenis.
» Jogos Olímpicos Medalha de prata em Paris-2024	» Jogos Olímpicos Medalha de ouro em Paris-2024 e prata em Tóquio-2020
» Impacto na seleção principal Campeã mundial em 2018, vice em 2022 e semifinalista em 2026	» Impacto na seleção principal Campeã da Nations League (2023), da Euro-2024 e semi da Copa 2026
» Ícones da geração Mbappé, Doué, Olise, Cherki, Koné, Akliouche	» Ícones da geração Yamal, Cubarsí, Fermín López, Baena, Nico Williams
» Legado Renovação permanente sem perder competitividade.	» Legado Continuidade de uma identidade de jogo

Duas escolas, a mesma obsessão

A França construiu a força a partir de uma rede nacional de formação. Clairefontaine é o símbolo mais conhecido, mas o projeto vai além. Existe uma integração entre federação, centros regionais e clubes, que permite identificar talentos em diferentes regiões. Clubes como PSG, Lyon, Rennes, Monaco e Lille se tornaram referências na formação. O resultado é uma seleção autossuficiente na reposição sem alterar a competitividade. A Espanha escolheu outra estrada. O país não ostenta uma estrutura centralizada, mas desenvolveu uma identidade. A Federação trabalha em sintonia com clubes formadores, como Barcelona, Villarreal, Bilbao, Real Sociedad e Valencia. Uma das provas da força desse elo é a ausência de jogadores do Real Madrid na convocação. A metodologia espanhola valoriza técnica, competência ao tomar decisões e inteligência coletiva. O jogador é preparado para compreender o jogo. Por isso, a chegada de nomes como Lamine Yamal, Pau Cubarsí e Fermín López ao cenário internacional acontece naturalmente. Eles não desembarcaram no futebol de elite como apostas. Foram preparados para ele. Isso também vale para a geração francesa. Désiré Doué, Michael Olise, Rayan Cherki, Manu Koné e Maghnes Akliouche são a continuidade de uma escola.

A base deixou de ser promessa

Os resultados das duas seleções nas categorias de formação ajudam a explicar o presente. França e Espanha passaram a última década frequentando as fases decisivas dos principais torneios juvenis organizados pela Uefa e pela Fifa. A França acumulou títulos e campanhas de destaque no Europeu Sub-17, Europeu Sub-19 e Mundial Sub-17, além de revelar uma geração campeã da Copa do Mundo de 2018 finalista em 2022. A Espanha manteve a tradição nas competições juvenis e transformou esse trabalho em resultados recentes no futebol principal: prata olímpica em Tóquio-2020, ouro em Paris-2024 e títulos da Nations League (2023) e da Eurocopa (2024). Ao contrário do passado, os sucessos deixaram de depender de uma geração excepcional. França e Espanha não vivem mais de ciclos. São sustentadas por sistemas. Essa, talvez, seja a maior vitória das duas escolas: transformar renovação em rotina. As seleções hegemônicas não são necessariamente as que encontram os melhores jogadores uma vez. São aquelas capazes de criar ambientes nos quais os novos talentos aparecem e são inseridos continuamente.

Muito além de Mbappé e Yamal

A semifinal no AT&T Stadium, em Dallas, será apresentada como o duelo entre Mbappé e Yamal, dois símbolos de momentos diferentes do futebol. Um representa a maturidade de quem conquistou a Copa. O outro, a juventude de quem parece destinado a escrever uma nova era. Mas a história da partida é maior. Em campo estarão os frutos de um trabalho iniciado muitos anos antes. Jogadores formados em centros de excelência, preparados por seleções juvenis e moldados por clubes sensíveis à importância de investir no futuro. A Copa do Mundo costuma premiar quem tem os melhores jogadores. França e Espanha chegaram até aqui porque aprenderam algo ainda mais valioso: continuar produzindo esses jogadores. Dallas apontará apenas um finalista. A vaga será definida em 90 minutos — ou um pouco mais. A obra, porém, começou muito antes, nos campos de treinamento, nas seleções de base e nos projetos que transformaram formação em patrimônio. Porque jogadores conquistam partidas. Grandes gerações levantam taças. Mas somente sistemas transformam talento em tradição.